

TONI MORRISON

Voltar para casa

Tradução

José Rubens Siqueira

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Toni Morrison

Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Home

Capa

Mateus Valadares

Foto de capa

wingmar / Getty Images

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Angela das Neves

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Morrison, Toni

Voltar para casa / Toni Morrison ; tradução José Rubens Siqueira. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: Home.
isbn 978-85-359-2712-2

1. Ficção norte-americana 1. Título.

16-01778

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Eles levantaram feito homens. Eu vi. Feito homens, ficaram em pé.

A gente não devia estar nem perto daquele lugar. Como quase todas as fazendas em volta de Lotus, Geórgia, essa aí tinha uma porção de placas que assustavam. As ameaças penduradas nas cercas de alambrado com um mourão a cada quinze metros mais ou menos. Mas quando a gente viu um espaço pra rastejar que algum bicho tinha cavado — um coiote, quem sabe, ou um guaxinim —, não deu pra resistir. A gente era só criança. Naquela época, a grama batia no ombro pra ela e na cintura pra mim; então, vigiando se não tinha cobra, a gente passou rastejando de barriga. A recompensa valia a dor do sumo da grama e das nuvens de mosquitinhos nos olhos, porque bem ali na nossa frente, a uns quinze metros, eles estavam em pé feito homens. Os cascos erguidos batendo com estrondo, as crinas sacudindo por cima dos olhos brancos enlouquecidos. Eles se morriam feito cachorros, mas quando levantavam, erguidos nas patas de trás, as da frente em volta do cangote um do outro, a gente ficava sem ar de emoção. Um era cor de ferrugem, o outro muito preto, os dois brilhando de suor. Os relinchos não assustavam tanto quanto o

silêncio depois de um coice na boca do oponente. Ali perto, os potros e as éguas, indiferentes, mascavam a grama, olhavam pro outro lado. Então eles pararam. O cor de ferrugem baixou a cabeça e bateu o casco no chão, enquanto o vencedor saiu trotando num arco, empurrando as éguas na frente dele.

Engatinhando pela grama, procurando o buraco cavado, evitando a fila de caminhões estacionados adiante, a gente se perdeu. Mesmo demorando uma eternidade pra ver de novo a cerca, nenhum de nós dois entrou em pânico quando ouviu vozes, aflitas, mas falando baixo. Agarrei o braço dela e pus um dedo nos meus lábios. Sem erguer a cabeça, só espiando pela grama, nós vimos eles puxarem um corpo de um carrinho de mão e jogar dentro de um buraco que já estava esperando. Um pé ficou espelhado pra fora na beirada e tremeu, como se conseguisse sair, como se com um pequeno esforço pudesse escapar da terra que jogavam por cima. Não dava pra ver a cara dos homens que enterravam o corpo, só as calças; mas a gente viu a ponta de uma pá empurrar pra baixo o pé que tremia pra se juntar com o resto. Quando ela viu aquele pé preto com a sola clara e rosada riscada de lama empurrado pra dentro do túmulo, o corpo dela inteiro começou a tremer. Abracei os ombros dela com força e tentei puxar o seu tremor pros ossos do meu corpo porque, como irmão quatro anos mais velho, achei que eu aguentava. Os homens já tinham ido embora fazia tempo e a lua era um melão quando a gente sentiu que não tinha perigo mexer a grama e continuar saindo de barriga, procurando a parte cavada debaixo da cerca. Chegando em casa, a gente achou que ia levar uma surra ou pelo menos uma bronca por ficar fora até tão tarde, mas os adultos nem ligaram pra nós. Estavam ocupados com alguma perturbação.

Como você está querendo escrever a minha história, pense o que for pensar e escreva o que escrever, fique sabendo de uma coisa: eu esqueci mesmo o enterro. Só lembrava dos cavalos. Eram tão bonitos. Tão brutos. E em pé feito homens.

2

Respirar. Como fazer isso de um jeito que ninguém ficasse sabendo que ele estava acordado? Fingir um ronco ritmado, profundo, deixar pender o lábio inferior. O mais importante: as pálpebras não podem se mexer, e tem de deixar o coração bater de um jeito regular e as mãos moles. Às duas da manhã, quando eles conferissem para ver se ele precisava de outra injeção imobilizadora, veriam o paciente do segundo andar, quarto 17, mergulhado num sono de morfina. Se ficassem convencidos, podiam pular a injeção e soltar os pulsos, de forma que ele sentisse algum sangue nas mãos. O truque de imitar um semi-coma, igual a se fingir de morto de cara para baixo na lama de um campo de batalha, era se concentrar só num objeto neutro. Uma coisa que encobrisse qualquer sinal fortuito de vida. Gelo, ele pensou, um cubo, um pingente, um lago com uma crosta de gelo ou uma paisagem nevada. Não. Emoção demais nas colinas congeladas. Fogo, então? Nunca. Ativo demais. Ele precisava de uma coisa que não mexesse com nenhum sentimento, não despertasse nenhuma lembrança — doce ou ver-

gonhosa. Só procurar por isso já esta agitado. Tudo lembrava alguma coisa cheia de dor. Visualizar uma folha de papel em branco levava sua mente para a carta que tinha recebido — aquela que havia fechado sua garganta: “Venha depressa. Ela vai morrer se você demorar”. Por fim, ele escolheu a cadeira do canto do quarto como objeto neutro. Madeira. Carvalho. Laqueada ou tingida. Quantas tabuínhas no encosto? O assento era chato ou encurvado para um traseiro? Feita à mão ou feita à máquina? Se feita à mão, quem era o carpinteiro e onde ele tinha conseguido a madeira? Inútil. A cadeira provocava perguntas, não um vazio de indiferença. Que tal o mar num dia nublado visto do convés de um navio de tropas — sem horizonte nem esperança para ninguém? Não. Isso não, porque entre os corpos refrigerados lá embaixo, alguns deles talvez fossem dos rapazes de casa. Ele teria de se concentrar em alguma outra coisa — um céu noturno, sem estrelas, ou melhor, trilhos de trem. Sem cenário, sem trens, só sem fim, trilhos sem fim.

Tinham levado sua camisa e as botas de amarrar, mas a calça e o paletó do Exército (nenhum dos dois um instrumento efetivo para suicídio) estavam pendurados no armário. Ele só precisava seguir pelo corredor até a porta de saída, que nunca ficava trancada naquele andar depois de um incêndio que matou uma enfermeira e dois pacientes. Essa era a história que Crane, o auxiliar de enfermagem tagarela, tinha contado, mascando chicletes rápido enquanto lavava as axilas do paciente, mas ele acreditava que era uma simples desculpa para as escapadas dos funcionários, que iam fumar. Seu primeiro plano de fuga era apagar Crane da próxima vez que ele viesse limpar sua sujeira. Isso exigia os punhos soltos e era muito arriscado, então ele escolheu outra estratégia.

Dois dias antes, quando estava algemado no banco de trás

de um carro de patrulha, tinha girado a cabeça feito um louco para ver onde estava e para onde ia. Nunca tinha estado naquele bairro. Central City era seu território. Nada em particular se destacava a não ser o néon violento de uma placa de restaurante e um imenso cartaz numa igreja minúscula: AME* Sião. Se ele conseguisse passar pela saída de incêndio, era para lá que iria: para Sião. Mas antes de escapar, precisava arrumar sapato de algum jeito. Andar sem sapato em qualquer lugar, no inverno, era garantia de ser preso e voltar para a divisão até ser condenado por vadiagem. Lei interessante essa de vadiagem, quer dizer, ficar parado na rua ou andando sem finalidade clara para qualquer lugar. Levar um livro ajudaria, mas estar descalço seria contraditório com “finalidade clara”, e ficar parado podia provocar uma reclamação de “vadiagem”. Mais do que todos, ele sabia que não precisava estar na rua para alegarem perturbação legal ou ilegal. Você podia estar dentro de casa, morando na sua casa há anos e mesmo assim homens com ou sem distintivos, mas sempre com armas, podiam forçar você, sua família, seus vizinhos a fazer as malas e mudar — com ou sem sapatos. Vinte anos atrás, quando tinha quatro anos, tivera um par deles, embora a sola de um dos pés batesse a cada passo. Moradores de quinze casas haviam recebido ordem de deixar seu pequeno bairro nos arredores da cidade. Em vinte e quatro horas, disseram, se não. “Senão” queria dizer “morrem”. Foi de manhã cedinho que vieram os avisos, então o balanço do dia foi confusão, raiva e empacotamento de coisas. À noite, a maioria estava indo embora — sobre rodas quando possível, a pé se não. No entanto, apesar das ameaças dos homens, encapuzados ou

* African Methodist Episcopal: Igreja Afro-Metodista Episcopal. [Esta e as demais notas são do tradutor.]

não, e dos pedidos dos vizinhos, um velho chamado Crawford sentou nos degraus da varanda e se recusou a desocupar. Cotovelos nos joelhos, mãos crispadas, mascando tabaco, ele esperou a noite inteira. Pouco antes do amanhecer, quando se completaram as vinte e quatro horas, ele foi espancado até a morte com canos e coronhas de rifles, e amarrado à magnólia mais antiga do condado — aquela que cresceria em seu próprio jardim. Talvez o amor por essa árvore que, como ele costumava se gabar, sua bisavó havia plantado é que o tornasse tão teimoso. Na calada da noite, alguns vizinhos que haviam se retirado se esgueiraram de volta, desamarraram o velho e o enterraram debaixo da magnólia querida. Um dos coveiros contou a quem quisesse ouvir que tinham arrancado os olhos do sr. Crawford.

Embora sapatos fossem vitais para essa fuga, o paciente não tinha nenhum. Às quatro da manhã, antes de nascer o sol, ele conseguiu afrouxar as pulseiras de lona, se soltar e rasgar a camisola do hospital. Vestiu a calça e o paletó do Exército e se esgueirou descalço pelo corredor. A não ser pelo choro do quarto ao lado da saída de incêndio, estava tudo quieto — nenhum rangido dos sapatos dos auxiliares de enfermagem, nem risos abafados, e nenhum cheiro de fumaça de cigarro. As dobradiças gemeram quando ele abriu a porta e o frio bateu nele como um martelo.

O ferro congelado dos degraus da saída de incêndio era tão doloroso que ele pulou a balaustrada e afundou os pés na neve mais quente do solo. Um luar maníaco, cumprindo a função das estrelas ausentes, combinava com seu frenético desespero, iluminava seus ombros curvados e as pegadas deixadas na neve. No bolso, a medalha de serviços prestados, mas nenhum dinheiro, por isso nem lhe ocorreu procurar uma cabine telefônica para ligar para Lily. Ele não ligaria mesmo,

não só por causa da frieza da despedida deles, mas também porque ficaria envergonhado de precisar dela agora — um homem descalço fugitivo de um hospício. Segurando a lapela bem fechada no pescoço, evitou a calçada raspada e correu seis quarteirões pela neve amontoada, o mais depressa que o resíduo da droga do hospital permitia, até a paróquia da igreja AME São João, uma pequena construção de tábuas. Os degraus da varanda estavam absolutamente limpos de neve, mas a casa estava escura. Ele bateu — forte, pensou, considerando o quanto suas mãos estavam congeladas, mas não tão ameaçador como o *bam-bam* de um grupo de cidadãos ou de um batalhão da polícia. A insistência compensou; uma luz se acendeu e uma fresta da porta se abriu, depois mais, revelando um homem de cabelo grisalho com roupão de flanela, segurando os óculos e com a testa franzida diante do descaramento de um visitante antes do amanhecer.

Ele queria dizer “bom dia”, ou “desculpe”, mas seu corpo tremia com tanta violência como se fosse uma vítima da doença de São Vito, e os dentes batiam tão incontrolavelmente que ele não conseguia emitir um som. O homem à porta avaliou bem o trêmulo visitante e depois recuou um passo para deixá-lo entrar.

“Jean! Jean!” Ele se virou para dirigir a voz escada acima antes de gesticular para que o visitante entrasse. “Meu Deus”, resmungou, fechando a porta. “Você está uma lástima.”

Ele tentou sorrir e não conseguiu.

“O meu nome é Locke, reverendo John Locke. E o seu?”

“Frank, reverendo. Frank Money.”

“Veio ali do fim da rua? Daquele hospital?”

Frank fez que sim enquanto batia os pés e tentava esfriar um pouco de vida nos dedos.

O reverendo Locke deu um grunhido. “Sente-se”, disse.

Depois, sacudindo a cabeça, acrescentou: "Você tem sorte, sr. Money. Eles vendem uma porção de corpos lá".

"Corpos?" Frank afundou no sofá, apenas vagamente interessado ou curioso a respeito do que o homem dizia.

"A-hã. Pra escola de medicina."

"Vendem corpos de mortos? Pra quê?"

"Bom, sabe como é, os médicos precisam trabalhar com os pobres mortos pra ajudar os ricos vivos."

"John, pare." Jean Locke desceu a escada, amarrando o cinto do roupão. "Está falando bobagem."

"Essa é a minha esposa", disse Locke. "E apesar de ser doce como mel, está sempre errada."

"Oi, dona. Desculpe, eu..." Ainda tremendo, Frank se pôs de pé.

Ela o interrompeu. "Não precisa disso. Fique sentado", ela disse e desapareceu na cozinha.

Frank fez o que ela mandou. A não ser pela ausência de vento, a casa era só um pouco menos fria que lá fora e as capas de plástico esticadas em cima do sofá não ajudavam.

"Desculpe se a casa é muito fria pra você." Locke notou que Frank estava com os lábios tremendo. "Por aqui a gente está acostumado com chuva, não com neve. Por falar nisso, de onde você é?"

"De Central City."

Locke deu um grunhido, como se isso explicasse tudo. "Está querendo voltar pra lá?"

"Não, senhor. Estou indo pro Sul."

"Bom, como é que você foi parar no hospital em vez da cadeia? É pra lá que vai a maioria dos sujeitos descalços, mal-vestidos."

"Sangue, acho. Um monte de sangue escorrendo pela minha cara."

“Como foi isso?”

“Não sei.”

“Não lembra?”

“Não. Só do barulho. Forte. Forte mesmo.” Frank esfregou a testa. “Quem sabe eu estava brigando?” Ele fez a pergunta como se o reverendo pudesse saber por que ele estivera amarrado e sedado durante dois dias.

O reverendo Locke olhou para ele, preocupado. Não nervoso, só preocupado. “Eles devem ter achado que você era perigoso. Se você só estivesse doente, nunca que iam te deixar entrar. Pra onde você vai exatamente, irmão?” Ele ainda estava de pé com as mãos às costas.

“Pra Geórgia, sim, senhor. Se eu conseguir.”

“Não me diga. É uma boa distância. O irmão Money tem algum dinheiro?” Locke sorriu com o próprio jogo de palavras.

“Tinha um pouco quando me pegaram”, Frank respondeu. No bolso de sua calça não havia nada agora, a não ser a medalha do Exército. E ele não conseguia lembrar quanto Lily tinha lhe dado. Só de seus lábios curvados para baixo e dos olhos implacáveis.

“Mas não tem mais, certo?” Locke apertou os olhos. “Procurado pela polícia?”

“Não”, disse Frank. “Não, senhor. Eles só me pegaram e botaram na ala dos loucos.” Pôs as mãos em concha diante da boca e soprou. “Acho que não me acusaram de nada.”

“Você não ia saber se tivessem acusado.”

Jean Locke voltou com uma bacia de água fria. “Ponha os pés aqui dentro, filho. Está fria, mas não é bom esquentar depressa demais.”

Frank mergulhou os pés na água e suspirou. “Obrigado.”

“Por que pegaram ele? A polícia, eu digo.” Jean fez a pergunta ao marido, que deu de ombros.

Por quê, de fato? A não ser pelo rugido daquele B-29, o que ele estivesse fazendo que atraiu a atenção da polícia tinha sumido faz tempo. Ele não conseguia explicar para si mesmo, quanto mais para o casal gentil que estava lhe dando ajuda. Se não estava numa briga, estaria mijando na calçada? Ofendendo com palavrões algum passante, alguma criança de escola? Estava batendo a cabeça na parede ou escondido atrás dos arbustos do quintal de alguém?

“Eu devia estar aprontando”, ele disse. “Alguma coisa assim.” Ele realmente não se lembrava. Tinha se jogado no chão com o súbito ruído de fogo contrário? Talvez tivesse começado uma briga com um estranho ou começado a chorar na frente das árvores — se desculpando com elas por atos que nunca cometera. O que ele lembrava era que assim que Lily fechou a porta atrás dele, apesar da seriedade da missão, sua ansiedade se tornou incontrolável. Ele tomou uns drinques para se preparar para a longa viagem. Quando saiu do bar, a ansiedade sumira, mas a clareza também. O que voltou foi a raiva, flutuando livre, o horror a si mesmo disfarçado como erro de outrem. E as lembranças que tinham amadurecido em Fort Lawton, de onde ele começara a se afastar assim que dispensado. Quando desembarcou, pensou em mandar um telegrama para casa, já que ninguém em Lotus tinha telefone. Mas junto com a greve de telefonistas, os telegrafistas estavam em greve também. Num cartão-postal de dois centavos, ele escreveu: “Voltei em segurança. Logo nos vemos”. “Logo” não chegou nunca porque ele não queria voltar para casa sem os “rapazes de casa”. Ele estava vivo demais para encarar a família de Mike ou de Stuff. Sua respiração fácil, o corpo incólume, seriam um insulto para eles. E qualquer mentira que inventasse sobre como os dois tinham morrido com valentia não ia evitar o ressentimento deles. Além disso, ele detestava Lotus. A po-

pulação impiedosa, o isolamento, e principalmente a indiferença com o futuro só eram toleráveis se seus companheiros estivessem ali com ele.

“Quanto tempo faz que você voltou?” O reverendo Locke ainda estava de pé. O rosto mais macio.

Frank levantou a cabeça. “Um ano, mais ou menos.”

Locke coçou o queixo e ia falar quando Jean apareceu com uma xícara e um prato de biscoitos. “É só água quente com bastante sal”, ela disse. “Beba tudo, mas devagar. Vou buscar um cobertor.”

Frank deu dois goles e depois bebeu todo o resto. Quando Jean trouxe mais, ela disse: “Filho, molhe o biscoito no líquido. Vai descer melhor”.

“Jean”, disse Locke, “dê uma olhada no que tem na caixa dos pobres.”

“Ele precisa de sapatos também, John.”

Não havia nenhum sapato sobrando, então puseram quatro pares de meias e umas galochas rasgadas ao lado do sofá.

“Durma um pouco, irmão. Tem uma dura jornada pela frente, e não estou falando só da Geórgia.”

Frank adormeceu entre um cobertor de lã e capas de plástico e teve um sonho povoado de partes de corpos. Acordou com um sol militante e cheiro de torradas. Levou um tempo, mais do que deveria, para registrar onde estava. O resíduo de dois dias de drogas no hospital estava indo embora, mas devagar. Onde quer que estivesse, estava agradecido pelo brilho do sol não machucar sua cabeça. Sentou-se e notou as meias bem dobradas no tapete, como pés quebrados. Então, ouviu murmúrios na sala ao lado. Enquanto olhava as meias, o passado imediatamente entrou em foco: a fuga do hospital, a corrida gelada, e por fim o reverendo Locke e sua esposa. Então estava de volta ao mundo real quando Locke entrou e perguntou como se sentia depois de três horas de sono.